



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ALLISSON BATISTA DA SILVA

**ANÁLISE DOS AJUSTES ESPACIAIS EM CAMPINA
GRANDE-PB: A formação e o desenvolvimento
do Distrito Industrial do Ligeiro**

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

ALLISSON BATISTA DA SILVA

**ANÁLISE DOS AJUSTES ESPACIAIS EM CAMPINA
GRANDE-PB: A formação e o desenvolvimento
do Distrito Industrial do Ligeiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Licenciatura Plena em
Geografia da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Orientador (a): Ms. Nirvana Lígia Albino
Rafael de Sá.

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586a Silva, Allisson Batista da.
Análise dos ajustes espaciais em Campina Grande-PB.
[manuscrito]: a formação e o desenvolvimento do Distrito
Industrial do Ligeiro / Allisson Batista da Silva. – 2011.
28 f.: il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011.
“Orientação: Prof. Ma. Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá,
Departamento de História e Geografia”.

1. Indústria 2. Capitalismo 3. Governo 4. Eixo viário. I.
Título.

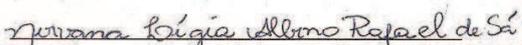
21. ed. CDD 338

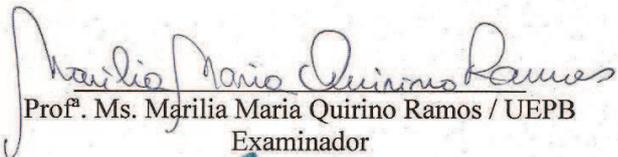
ALLISSON BATISTA DA SILVA

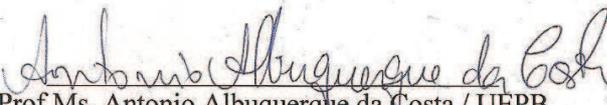
**ANÁLISE DOS AJUSTES ESPACIAIS EM CAMPINA
GRANDE-PB: A formação e o desenvolvimento
do Distrito Industrial do Ligeiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia

Aprovada em 27/05/2011.


Prof^ª Ms. Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá / UEPB
Orientadora


Prof^ª Ms. Marília Maria Quirino Ramos / UEPB
Examinador


Prof Ms. Antonio Albuquerque da Costa / UEPB
Examinador

SILVA, Allisson Batista da¹. **Análise dos Ajustes Espaciais em Campina Grande-PB: A formação e o desenvolvimento do Distrito Industrial do Ligeiro.** Artigo (Graduação) Curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande – PB, 2011.

RESUMO

O estudo aqui apresentado objetiva investigar as transformações que se deram no espaço do Distrito Industrial do Ligeiro em Campina Grande-PB ao longo dos últimos anos, enfatizando os ajustes espaciais realizados para a instalação de indústrias neste espaço. Pretende ainda identificar os fatores responsáveis pela sua transformação, relacionar o processo de ocupação da área com outras construções no seu contexto histórico. O desenvolvimento do Distrito Industrial do Ligeiro é resultado da mudança do meio rural para o meio urbano. Através da Rodovia Raimundo Asfora-BR 230 (Alça Sudoeste), indústrias de grande estrutura, a exemplo da Coteminas, incentivam empreendimentos do setor secundário e terciário neste espaço. A implantação da usina termelétrica no município e a instalação de outros estabelecimentos enquanto ajustes-espaciais influencia a reconfiguração do ambiente estudado, transformando o espaço agrário antes existente em espaço industrial. Por meio de levantamentos bibliográficos, artigos e pesquisa de campo, constatou-se que o capitalismo delimita sua ocupação através de ações próprias de mercado, juntamente com as três esferas de governo: Federal, Estadual e Municipal. Para a formação de construções em determinada área são elaboradas próteses, as quais, por sua vez, formalizam projetos, impondo novas atividades na paisagem existente. A criação de condições para a mobilidade do capital no espaço campinense serve também para implantar melhorias no seu eixo viário, melhor articular o escoamento de bens materiais e o fluxo de pessoas na área.

PALAVRAS - CHAVE: Indústria; Capitalismo; Governo; Eixo viário.

1. INTRODUÇÃO

O município de Campina Grande-PB desperta ao longo de seu desenvolvimento, como um marco importante no aspecto urbano nordestino. Através de análise espacial, pode-se perceber em dado momento histórico, a transição do meio rural para o meio urbano. A zona rural, aliada à natureza, entra em contraste com a zona urbana por meio da industrialização e dos ajustes espaciais provenientes das ações do capitalismo. Com o

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba.
Contato: batistallisson@gmail.com

advento do capitalismo e sua globalização, as cidades em geral, e particularmente o município de Campina Grande, ora analisado, gradativamente transforma-se em local de serviços e atividades econômicas, o que historicamente a conformou como um centro de atividades pró-capital, constituindo-se como palco de concorrência entre as classes pela distribuição do espaço.

Santos (1994, p.127) aponta a mudança em relação à função da cidade, que “os valores de uso são mais freqüentemente transformados em valores de troca, ampliando a economização da vida social, mudando a escala de valores culturais, favorecendo a alienação de lugares e de homens”. Através dessa nova função, o sistema de infra-estrutura de Campina Grande passa por uma série de transformações, que vem ocorrendo desde o início da década de 1990, seguindo uma ordem de avanço do espaço urbano em direção a zona rural da cidade. Sob perspectivas de melhorias no trânsito da cidade, a sociedade campinense assistiu uma das maiores obras urbanas de sua história, que foi a construção da Rodovia Raimundo Asfora², ou seja, a BR 230 (Alça Sudoeste), distante da área urbana da cidade neste período. Em decorrência do progresso econômico advindo com as ações promovidas pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) no início da década de 1990, uma grande companhia têxtil, a Companhia de Tecidos do Norte de Minas (COTEMINAS)³, instalou-se na Rodovia supracitada, trazendo consigo outras indústrias e também diversas empresas do setor terciário. Observa-se então, a emergência de um espaço urbano em meio às conquistas de territórios de predominância rural, com a introdução de uma maior diversificação econômica, e conseqüentemente, novas formas de produção e subsistência. Neste ambiente de transformações locais, surge a formação do espaço geográfico através de ajustes espaciais, com o objetivo de urbanizar a área em que se situa boa parte das indústrias na cidade de Campina Grande. Esta área, denominada de Distrito Industrial do Ligeiro, é produto de investimentos oriundos de ações privadas e públicas, voltado para expansão do capitalismo industrial.

A reconfiguração industrial e espacial ocorrida, nos últimos anos, em Campina Grande, é resultado, inicialmente da reestruturação produtiva do capital e, secundariamente, das políticas públicas – econômicas urbanas

² Esta Rodovia foi construída pelo Governo Federal entre 1990 e 1992, sob um Ato Deliberativo, sendo a obra executada pelo Departamento Nacional de Infra-Estrutura e Transportes (DNIT) Dados: Allisson Silva. Fevereiro de 2011.

³ A COTEMINAS- foi instalada em Campina Grande no ano de 1995, sob o Decreto Estadual nº 17.252 de 27 de dezembro de 1994, através da SUDENE. Dados: <http://www.paraiba.gov.br> . Acessado em 12/12/2010 .

etc.- implementadas no município nos anos 1990 (PEREIRA, 2008, p.30).

A expansão do tecido urbano sobre a área rural campinense ficou perceptível com a construção de uma Usina Termelétrica⁴ no município, a qual indica não apenas um novo paradigma sócio-espacial na cidade de Campina Grande, como também grande importância tecnológica para o compartimento da mesorregião paraibana da Borborema.

Com a inserção de investimentos externos no espaço campinense, várias condições estão sendo instaladas para que o processo de produção da cidade possa ser estimulado, tais como: o fornecimento de energia para as empresas que aí se instalarem; a construção de eixos viários e a atração de mão de obra qualificada para a execução das obras.

De modo geral, a pesquisa aqui apresentada visa estudar a temática de ajuste espacial, sob um olhar geográfico, enfatizando obras de autores dessa área, salientando as ações de infra-estrutura, saneamento e a organização do espaço para fins industriais. O estudo aborda, portanto, tópicos como a transição do rural para o urbano no município de Campina Grande; a disseminação do capitalismo industrial através do Distrito Industrial do Ligeiro neste espaço e, os ajustes espaciais o quanto a instalação de próteses⁵, as quais favoreceram o desenvolvimento campinense e sua integração ao mercado global.

2. DO RURAL AO URBANO: UMA TRANSFORMAÇÃO PARA A INDÚSTRIA

O avanço da zona urbana sobre a rural em Campina Grande provocou a submissão da mesma às exigências do capital urbano-industrial, fazendo com que as áreas rurais funcionassem como território a ser explorado. A exploração do território é feita em longo prazo, para atender a demanda de necessidades, ocasionadas pela ação consumidora dos agentes capitalistas. Para Santos e Silveira (2005, p.21) “o uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estruturas, para as quais estamos igualmente utilizando

⁴ Usina Termelétrica de Campina Grande foi criada pelo Decreto-Lei nº 6.144, de 3 de julho de 2007 de titularidade da empresa Companhia Borborema Energética S.A. O início da construção data de agosto de 2008 com duração de 18 meses, pela empresa finlandesa Wärtsilä. Fonte: Ministério de Minas e Energia, diário oficial da união. Disponível em: www.jusbrasil.com.br/diario/navegue/2008/dezembro/08/DOU. Acessado em dezembro de 2010

⁵ De acordo com Porto (et. al., 2007, p.02) “entende-se prótese como atos elaborados externamente e implantados localmente os quais impõem novos ritmos ao meio primitivo. Essas próteses podem ser de vários modelos e que transformam e reconfiguram um espaço já existente”.

a denominação sistemas de engenharia⁶, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade”.

O espaço rural campinense aos poucos vai perdendo seu espaço à urbanização, decorrente da industrialização e do ajuste espacial a que é submetida.

2.1. A indústria como agente consumidora do espaço

O loteamento de terras é algo comum e estratégico das grandes indústrias, visto que o uso do território caracteriza “geralmente a extensão apropriada e usada” (SANTOS, 2005, p.19). A urbanização por sua vez, é fruto de investimentos na infra-estrutura local, por parte das três esferas de governo (Municipal, Estadual e Federal), com a finalidade de atrair investimentos para a cidade ou região. Neste sentido, Corrêa (1993) define o objetivo deste investimento, ao afirmar que a finalidade da urbanização é a reprodução da expansão urbana e econômica da cidade, ou seja,

tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. (Idem, p.7)

As especificidades históricas, políticas e econômicas ocorridas no município, analisado entre os anos de 1960 e 1980, são apresentadas como fundamento da atual estrutura urbano-industrial dos anos 1990. Nesse sentido, inicia-se aqui uma análise histórica da formação do espaço urbano-industrial do município, a qual nos leva a refletir que:

Nos 20 anos, de 1960 a 1980, em que os incentivos à industrialização do Nordeste foram patrocinadas de forma intensiva pelo Governo Federal através da SUDENE e de seus mecanismos, Campina Grande teve 40 projetos aprovados, sendo 7 de reformulação financeira, 19 de ampliação e modernização das indústrias e, nada menos, que 14 novas instalações. (LIMA, 2004, p.127)

Percebe-se assim, como esse espaço se consolidou industrialmente nos anos 1960 e 1970. Porém, na seqüência, temporal, ou seja, nos anos 1980, observa-se que a crise socioeconômica no âmbito municipal, trouxe reflexos na estrutura industrial e

⁶ Os sistemas de engenharia são entendidos neste contexto como “um conjunto de instrumentos de trabalho agregados à natureza e de outros instrumentos de trabalho que se localizam sobre estes, uma ordem criada para e pelo trabalho” (SANTOS, 1988, p. 79).

conseqüentemente na criação de empregos. A industrialização na cidade de Campina Grande foi, e é, muito importante para a economia local, já que seus reflexos são o crescimento econômico do município em vários aspectos. Embora observe-se que uma crise socioeconômica atingiu o município nos anos 1980, o reflexo da economia algodoeira⁷ desenvolvido pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), no ano de 2004, favoreceu novamente o crescimento econômico da cidade gerando assim a abertura das estradas, as quais estimularam o crescimento da população urbana.

Esse crescimento ocorreu devido ao crescimento da população e pelo aumento do número de imigrantes, que chegavam ao Município em busca de emprego e melhores condições de vida. A população pressionou e estimulou o crescimento da estrutura urbana, que se expandiu visando a atender a este novo mundo citadino que se organizava a partir das atividades econômicas vinculadas ao algodão (PEREIRA, 2008, p.118).

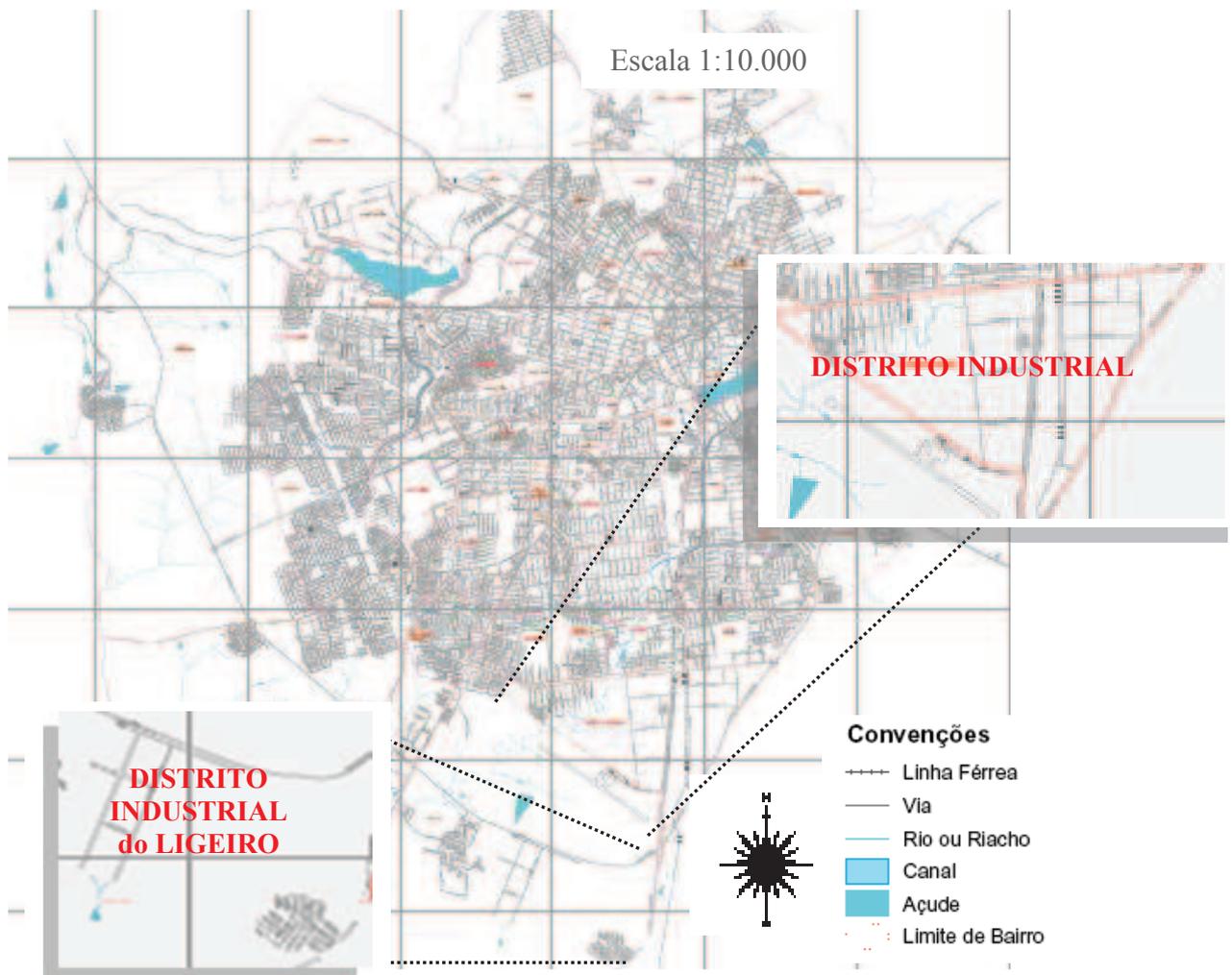
De acordo com Pereira (2008), Campina Grande, ainda na década de 1960, define seu espaço urbano-industrial, devido à intervenção do Governo Federal através dos órgãos de desenvolvimento econômico, principalmente da SUDENE. Os incentivos fiscais e financeiros concedidos na época tenderam a alterar a estrutura industrial campinense que se caracterizava por estabelecimentos tradicionais, ou seja, aquelas que, segundo o IBGE, estão relacionadas à produção primária ou requerem processo produtivo de baixo custo como madeira, mobiliário, couro, entre outros.

Nas décadas seguintes, os setores tradicionais continuaram com significativo peso, tanto no nível de emprego como no valor da produção, e os setores dinâmicos ampliaram consideravelmente sua participação, seja no emprego, seja no valor da produção. O Distrito Industrial de Campina Grande, (MAPA 1), teve seu espaço criado, à princípio, para atender as exigências das empresas recém chegadas à cidade.

Seu crescimento industrial foi reflexo dos incentivos, concedidos pela SUDENE durante a década de 1960, o que desencadeou um alto processo de produção por parte das indústrias e respectivamente do espaço urbano daquela região. Esta década conhecida como o período do “milagre brasileiro” aumentou a produção econômica do país no final dos anos 1960 e início de 1970. Embora tenha ocorrido à custa do arrocho salarial, da concentração de renda e do empobrecimento da maioria da população, trouxe riquezas

⁷ O algodão colorido foi desenvolvido na Empresa (Embrapa), na cidade de Campina Grande em 2004, dispensando a coloração química, geneticamente modificada para as indústrias de beneficiamento têxtil. Dados: <http://www.portaldoagronegocio.com.br>. Acessado em 25 de janeiro de 2011.

econômicas para inúmeras cidades brasileiras, inclusive para o município aqui analisado. No tocante ao mapa urbano de Campina Grande a seguir, percebe-se prolongamentos urbano-industriais (distritos industriais) na Zona Sul da cidade, caracterizando uma divisão territorial do trabalho, conforme a sua magnitude industrial. O referido mapa demonstra o perfil de seus eixos viários, incluindo ruas e avenidas, o qual explica o feito de uma cidade que prepara-se para consolidação industrial.



Mapa 1: Campina Grande mapa urbano. Fonte: SEPLAN, Secretaria de Planejamento. Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB, 2005.

O decorrente sucesso econômico advindo com o crescimento industrial levou o Governo Federal através do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), a construir eixos viários para escoar os produtos das indústrias para exportação, já que os anos de 1960 e 1970 foram períodos de grandes relações comerciais com outras cidades do interior paraibano (PEREIRA, 2008).

Neste caso, observa-se uma articulação regional onde os bens de consumo, junto com os fluxos de veículos e o desenvolvimento do capitalismo recém formado na cidade, criam um espaço de ações comerciais o qual origina ramos do setor terciário.

Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com os demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho (CORRÊA, 1993, p.7).

A articulação citada representa, portanto, as “relações espaciais de natureza espacial” (CORRÊA, 1993, p.8). Os sujeitos dessas relações são os agentes que envolvem a circulação de decisões e investimentos de capital, salários, juros, rendas e ainda a prática do poder e da ideologia. Ao redor da região do Distrito, desenvolveu-se como reflexo da sociedade, áreas residenciais segregadas, por exemplo: os bairros do Tambor e Itararé, ambos provenientes da classe trabalhadora ou de mão-de-obra, que se estabeleceu naquela região, representando deste modo a estrutura social e a estratificação em classes. Neste ponto, a segregação espacial, depende bastante do número de habitantes e das atividades terciárias, disponíveis às necessidades da comunidade local como: mercadinhos, padarias, posto de combustível, oficinas mecânicas, entre outras. As ações estabelecidas pelo homem movimentam relações econômicas em diversos setores da sociedade, sobretudo o industrial.

Neste caso, as indústrias reunidas no espaço podem realizar vendas de matérias industrialmente fabricadas, ocasionando vantagens, e viabilizando a continuidade da produção, em outras palavras, a própria reprodução da economia. Além do Distrito Industrial do Ligeiro existem reflexos da evolução econômica nos Bairros do Velame e Catingueira, advindos com o progresso econômico do Distrito Industrial de Campina Grande, cujo largo desenvolvimento, nas décadas de 1960 e 1970, criou transformações numa região rural para atender as necessidades industriais. Contudo, enfatiza-se o Distrito Industrial do Ligeiro por acreditar que essa é a região que mais evidencia o progresso espacial e econômico da cidade. Desta forma percebe-se que, a melhoria na infra-estrutura é uma exigência por parte do capital investidor, para fins de execução e consolidação do setor secundário no compartimento da Borborema.

2.2. Auge e declínio do Distrito Industrial

Entre 1970 e 1980, ocorrem algumas modificações na estrutura industrial do espaço aqui analisado, diversificando-a ainda mais. Dentre as modificações ocorridas ressalva-se o crescimento da indústria de alimentos (37,1%), que antes era de 14%; o declínio do setor têxtil (26,1%) que anteriormente correspondia a 50%; o rápido crescimento da indústria de produtos minerais não metálicos que, de uma participação de 7,6%, passou para 14,5% do valor da produção industrial e o declínio da participação da indústria metalúrgica que, de uma participação de 17,9%, passou para 3,9%. Essa ascensão e declínio pode ser observada através do Gráfico 1.

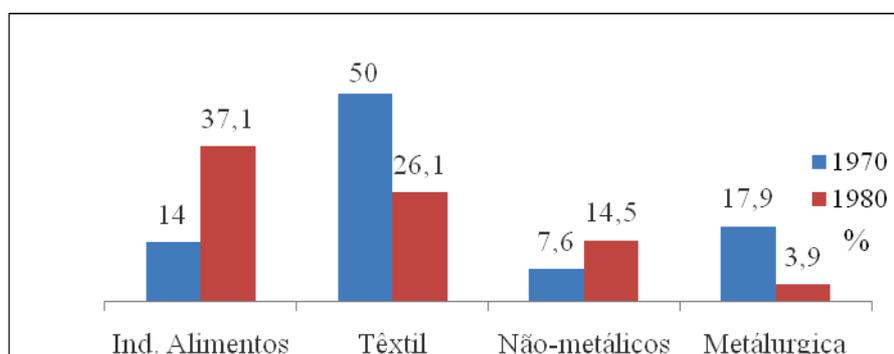


Gráfico 1: Crescimento e declínio do setor Industrial em Campina Grande 1970-1980.
 FONTE: PEREIRA, 2008. Organização: Allisson Silva. Maio de 2011.

Os dados acima influenciaram o crescimento industrial da economia campinense nos anos 1990. Por outro lado, o período de 1970 e 1980 ficou marcado, como o início do declínio industrial campinense, que se acentuou nos anos 1980 sendo reflexo da recessão mundial⁸. Vale salientar que no período de crise, ocorreu uma evasão industrial da cidade, gerando conseqüentemente falta de investimentos no seu espaço urbano-industrial, implicando mais tarde na diminuição do número de estabelecimentos industriais no município.

Essas informações são baseadas em dados numéricos, a qual demonstra essa alternância do Produto Interno Bruto (PIB), provenientes do número de estabelecimentos industriais em Campina Grande dando a esta cidade um lugar de destaque na economia nordestina, conforme pode se observar a partir dos dados do anuário estatístico do Brasil.

⁸«A recessão mundial ocorreu principalmente, devido ao aumento do preço do petróleo no mercado mundial, o que provocou acentuada deterioração dos termos de intercâmbio, prejudicando sobremaneira a balança de pagamentos brasileira.» (PEREIRA, 2008, p.144)

ANO	BRASIL		NORDESTE	
	ÍNDICES	VAR. ANUAIS	ÍNDICES	VAR. ANUAIS
1980	100,0	-	100,0	-
1981	95,6	- 4,4	97,6	- 2,4
1982	96,1	0,5	103,9	6,3
1983	92,7	- 3,3	103,1	- 0,8
1984	97,6	4,9	116,6	13,6
1985	105,3	7,7	119,5	2,5
1986	113,3	8,0	129,5	10,1
1987	117,4	4,1	132,5	3,0
1988	117,3	- 0,1	140,3	7,8
1989	121,1	3,8	155,0	14,7
1990	115,8	-5,3	135,4	-19,6

Tabela 01: Brasil e Nordeste do Brasil: Índices reais e variações anuais do (PIB) 1980-90 (%).
Fonte: Brasil- Anuário Estatístico do Brasil/Nordeste – SUDENE/DPG/PSE/Grupo de Contas Regionais

Analisando a Tabela 1, pode-se constatar que em relação ao índice anual nacional, o índice nordestino na década de 1980 foi desfavorável no que se refere uma perspectiva de crescimento econômico. Ainda em relação a tabela, salienta-se, que a partir de 1984, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro voltou aos patamares normais, ou seja, superiores a 1980, enquanto o PIB nordestino se apresentou normal a partir de 1982. Para, Lima (2004) este período representou uma desaceleração de capital industrial e o conseqüente abandono de alguns espaços industriais presentes na época, enfraquecendo assim o potencial econômico da região.

Nesse contexto de crise econômica, segundo Lima (2004), a indústria campinense também apresenta desempenho negativo, ocasionado por quatro fatores: o primeiro foi a crise econômica que se generalizou no sistema capitalista mundial a partir da segunda metade da década de 1970, acarretando elevação das taxas de juros e aumentado o crescimento da dívida brasileira; o segundo fator constituiu-se com a reforma tributária, concentrando os recursos públicos no âmbito da União, diminuindo as possibilidades de implementação de políticas municipais de infra-estrutura socioeconômica que mantivessem as indústrias no município. O terceiro fator foi o declínio de projetos aprovados, para implementação de indústrias, bem como para incentivar as mesmas aqui estabelecidas. O último fator trata-se da expansão das estradas e desenvolvimento dos transportes e comunicações, os quais favoreceram a compra e venda de mercadorias entre os mais

diversos e distantes centros consumidores e produtores. A integração comercial e produtiva do Estado favoreceu as cidades do interior do Estado a adquirir mercadorias da Capital ou de outros centros produtores com os mesmos preços adquiridos em Campina Grande.

Nesse âmbito de crise pode-se analisar que há uma estreita relação entre economia e espaço, o que reduziu muito naquela época a importância industrial da cidade. Para entender este processo, cita-se o caso do Distrito Industrial de Queimadas, o qual, segundo Lima (1996) pode ser considerado como uma expansão do Distrito Industrial de Campina Grande. A partir deste exemplo salienta-se que Campina Grande, neste momento, estava perdendo importância industrial em relação à Queimadas, pois esta havia adquirido um ritmo acelerado de expansão. Em 1983, o então Prefeito, solicita, junto à SUDENE, a ampliação do Distrito Industrial de Campina Grande.

Para a conquista deste novo espaço ou mesmo de uma ampliação do Distrito Industrial, precisava-se de uma infra-estrutura compatível com as exigências das indústrias que se instalariam futuramente no município. Deste modo “o espaço vai se produzindo para atender as necessidades da produção, somada a circulação, distribuição e troca.” (CARLOS, 1992, p. 38). O crescimento espacial que a indústria proporcionou trouxe conseqüências imediatas para o mapeamento de muitas cidades nordestinas. As indústrias que se instalaram nesse espaço, solicitaram junto ao poder municipal alguns incentivos, como grandes lotes de terras, uma vez que o mesmo facilitou a criação deste espaço. Como pode-se perceber a partir da Tabela 2.

INCENTIVOS NO NORDESTE	Nº ABSOLUTOS	(%)
IPTU	402	56,9
ISS	409	57,5
Doação de terras	451	63,4
Infra- estrutura	370	52,0
Distrito Industrial	139	19,6
Outros	242	34,0

Tabela 02: Incentivos concedidos a implantação de novas indústrias no Nordeste Fonte: SIMÕES, 2003, p. 15

Dentro de um panorama regional pode-se ver que Campina Grande também se inclui neste processo, já que

O município concedeu terrenos e isenção de impostos, o estado criou infra-estruturas urbanísticas básicas para o funcionamento das empresas e também concedeu isenção de impostos da União, via SUDENE,

fomentou os projetos e investimentos industriais na cidade, como também concedeu as condições para que o estado e o município fornecessem seus estímulos (PEREIRA, 2008, p. 123).

Ao passo que se cria mecanismos para desenvolver o ciclo do capital cria-se e desenvolve-se o processo de produção do espaço pela sociedade, que não só possibilita a produção de capital, como também a existência humana. O espaço é produzido para atender, de um lado, as necessidades da produção e da circulação de mercado visando o bom funcionamento do ciclo do capital e, de outro, a reprodução humana. Desta maneira, “cria-se assim, um espaço para o exercício da atividade industrial onde a localização de uma vai atraindo outras” (CARLOS, 1992, p.40). O Distrito Industrial do Ligeiro é um exemplo preciso desta transformação de espaço.

A partir da crise industrial, na década de 1980, intensos investimentos foram realizados por parte do setor privado e das três esferas de governo desde a década de 1990 em Campina Grande, para expansão da área industrial da cidade.

3. A CONSTRUÇÃO DE CONDICIONANTES PARA O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO INDUSTRIAL DO LIGEIRO

A margem direita e esquerda da Rodovia BR 230 (Alça Sudoeste) trouxe grandes interesses externos, principalmente pelo acesso à outras cidades da Região Nordeste. À medida que novos espaços desta localidade campinense foram conquistados, ajustes espaciais foram instalados a fim de garantir a melhor e maior mobilidade de fluxos comerciais em escala regional e nacional.

Por “ajustes espaciais” entende-se as adaptações que são efetivadas no espaço visando à garantia da instalação, existência, fluidez, manifestação e reprodução do capital. As condições criadas/construídas garantiram a criação, o planejamento, a organização e a instalação de mecanismos proporcionadores da construção espacial, a fim de atender aos interesses e objetivos externos ao ritmo e vivência locais. (PORTO, 2007, p. 3)

No que se refere à escala local, tal condição tornou-se intensa em 1996, quando foram iniciadas as atividades operacionais da Companhia de Tecidos do Norte de Minas (COTEMINAS),⁹ sendo esta referência no Distrito Industrial do Ligeiro.



Figura 1: Vista panorâmica da Coteminas.

Fonte: <http://www.google.com.br/imagens/Coteminas>. 1998

Este foi um dos fatores que contribuíram para instalação da usina termelétrica, bem como de outras indústrias e fábricas, salientando também a importância das ações políticas através de órgãos financiadores, como o Banco do Nordeste Brasileiro (BNB); o Fundo de Apoio e Incentivo à Indústria (FAIN) e a Companhia de Industrialização do Estado da Paraíba (CINEP). Ademais, ressaltam-se os incentivos fiscais baseados nas Leis Municipais de 2214/91 e 3025/94 como reduções de alíquotas, de impostos sobre serviços e em alguns casos reduções do Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU), favoreceram a instalação e o desenvolvimento do Distrito Industrial do Ligeiro. As empresas aí instaladas foram atraídas pelas potencialidades geográficas, tecnológicas e políticas da região.

Em virtude de perspectivas de desenvolvimento econômico surgem as criações/construções de condições espaciais capazes de instalar próteses e um sistema de infra-estrutura que possibilita a diversificação produtiva do seu espaço. Para Santos (1997, p.79) os sistemas de infra-estrutura citados acima, ou de engenharia, são compreendidos neste espaço, como “um conjunto de instrumentos de trabalho agregados à natureza e de outros instrumentos de trabalho que se localizam sobre estes, uma ordem criada para e pelo

⁹ Companhia de Tecidos do Norte de Minas (COTEMINAS) foi implantada em Campina Grande, com a finalidade de produzir e comercializar tecidos e fios beneficiados do algodão e poliéster. Em 30 de Junho 2006 foi inaugurada junto ao governo da Paraíba a plataforma mundial de serviços, que cuida dos serviços administrativos, financeiros, de planejamento, de produção para todo o grupo. Dados: <http://www.fiepb.com.br>. Acessado 5 de janeiro de 2011.

trabalho”. As ocupações espaciais ao longo de seu processo de produção originam novas configurações territoriais, que por sua vez são elaborados externamente e implantadas localmente, os quais impõem novos ritmos ao meio geográfico. Segundo Santos,

a configuração territorial é o conjunto total, integral de todas as coisas que formam a natureza em seu aspecto superficial e visível; e o espaço é o resultado de matrimônio ou um encontro, sagrado enquanto dura, entre a configuração territorial, a paisagem e a sociedade. (1997 p. 77),

A própria industrialização deste espaço impôs novos ritmos às dinâmicas espaciais existentes em Campina Grande, como ocorreu no passado, na década de 1960, acontece na primeira década do século XXI, as transformações espaciais “constituem em próteses” (SANTOS, 2005, p.31), as quais vigoram como uma necessidade do sistema capitalista. Alguns modelos de próteses podem ser identificados na cidade analisada:

As próteses jurídicas: A Lei que regulamenta a implantação da Coteminas em Campina Grande; aquela que dispõe a vinculação das entidades integrantes da administração pública federal indireta como a Agência Nacional do Petróleo (Gás Natural¹⁰); instalação da usina termelétrica. As próteses trabalhistas: Engenheiros, assistentes administrativos, eletricitas, mecânicos, operadores de máquinas, auxiliares de produção, frentistas, caminhoneiros, entre outros. As próteses tecnológicas como: Coteminas, Usina Termelétrica, Fuji e Granfuji. A infra-estrutural: Rodovia BR 230- Alça Sudoeste e Via de Acesso¹¹ a unidade termoelétrica da Borborema Energética S.A.

A Usina Termelétrica é fruto do alto consumo de energia elétrica, seja por parte das indústrias ou da população. Três fatores foram decisivos para Campina Grande sediar a Usina Termelétrica (UTE): a proximidade da subestação da CHESF para poder lançar energia na rede; a logística de suprimento do óleo combustível através das rodovias duplicadas, a BR 101 e 230; além dos incentivos fornecidos pela Prefeitura e pelo Governo do Estado. Para isso foram necessárias medidas de ajustes espaciais para facilitar o acesso a UTE (Figura 2) como: desmatamento da região, construção da via de acesso e

¹⁰ O Gás Natural foi inaugurado em 2005, pelo Estado. As primeiras indústrias beneficiadas foram: Felinto, Ipelsa, Alpargatas, Dolomil e Incosal, um ano depois, as indústrias Coteminas, Cipan-Vitamassa, Metalúrgica Silvana e Metalouça também implantaram esse abastecimento. Dados: <http://www.portalcorreio.com.br>. Acessado em janeiro de 2011.

¹¹ Construída sob a Licença Ambiental nº1602/2009, pela construtora L2C construção e montagem industrial, iniciada em 09 de março de 2010 e terminada em 09 de julho de 2010. Dados: Allisson Silva em pesquisa de campo

delimitação do terreno, que possui cerca de 28 hectares, sendo que 20% dessa área foi destinada à reserva legal de proteção ambiental.



Figura 2: Via de acesso e ao fundo a Usina Termelétrica. Pesquisa de campo. Dezembro de 2010

A construção desses condicionantes não aparece por acaso, mas integram uma série de relações complexas que garantem a criação, o planejamento, a organização e a instalação de mecanismos proporcionadores da construção espacial, a fim de atender aos interesses e objetivos externos, ao ritmo e vivência local.

4. DISTRITO INDUSTRIAL DO LIGEIRO: A DISSEMINAÇÃO DO CAPITALISMO INDUSTRIAL

A instalação de empresas no espaço campinense deixa evidente a contribuição do Governo Federal e Estadual através de incentivos fiscais. Por meio da SUDENE, por exemplo, e de órgãos que regulam o controle de divisas das grandes empresas e das microempresas obtêm-se a redução ou isenção do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), além do Banco do Nordeste Brasileiro (BNB) para financiar projetos e ampliações das respectivas empresas.

A exploração do espaço onde se situa o Distrito Industrial do Ligeiro deu-se conforme o progresso econômico, produzido pelo capitalismo que agora fragmenta e articula as ações de ocupação e produção da economia de mercado. Os grandes empreendimentos são “um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço” (CORRÊA, 1993,

p.11). A maioria dos empreendimentos relatadas neste trabalho são de cunho industrial, isso porque a própria paisagem da região estudada, demonstra as ações espaciais que ocorreram em demasia às necessidades capitalistas. Sobre estes empreendimentos, cita-se alguns que foram criados a partir de 1996, conforme apresentado na tabela abaixo:

ANO	EMPRESA	TIPO DE EMPREENDIMENTO
1996	COTEMINAS S.A	Fiação e Tecelagem
1997	Posto e Pousada Sudoeste	Combustíveis e Conveniências
1997	Alça Sul	Restaurante
1998	Fuji S.A	Beneficiamento de granitos e mármore
1998	Granfuji S.A	Beneficiamento de granitos e mármore
1999	Drebor S.A	Pneus para carretas e caminhões
1999	Posto Milenium S.A	Combustíveis e Conveniências
2000	Têxtil Ervest S.A	Fiação e artefatos para tecidos
2003	Hygilene LTDA	Indústria e comercio de produtos de higiene
2005	D'Moveis LTDA	Moveis tubulares
2008	JAR LTDA	Indústria e comercio de pré-moldados
2008	Borborema Energética S.A	Fornecimento de energia termelétrica
2009	Movesa S.A	Manutenção de caminhões Scania
2009	Vipal S.A	Balanceamento e alinhamento de pneus
2010	Itapemirim S.A	Transportadora e garagem
2010	Subestação da CHESF	Abaixadora de tensão 230KV para 13,8KV

Tabela 03: Empresas instaladas no Distrito Industrial do Ligeiro. Fonte: Allisson Silva. Dados obtidos através de pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2011.

Segundo a Tabela 03 os ajustes espaciais no Distrito Industrial do Ligeiro foram implantados e estimulados pelos programas de apoio e incentivo à indústria, sendo também atraídas pela constante reconfiguração espacial, no que diz respeito à infra- estrutura. Segundo dados do CINEP, este distrito atualmente possui cerca de 204 hectares, contemplado 12 estabelecimentos (Gráfico 2).

A expansão das indústrias na cidade criou condições para manifestação de ajustes espaciais, ficando explícita a instalação de uma usina termelétrica no município, o qual é resultado do alto consumo de energia advinda da alta produção industrial. As ações ocorridas em determinado espaço são atribuídas ao processo de produção que só pode realizar-se sob condições favoráveis ao seu pleno desenvolvimento.

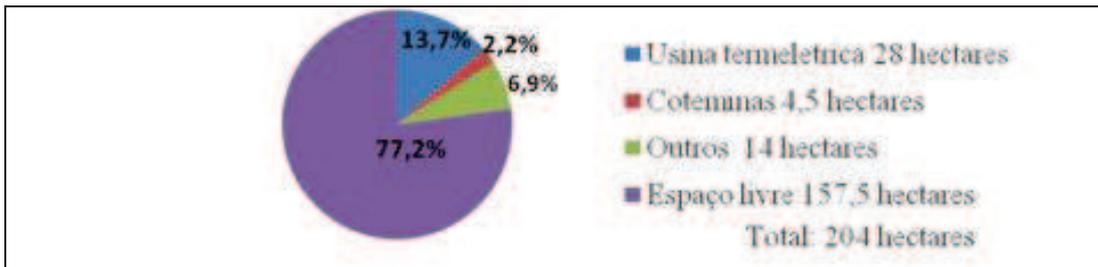


Gráfico 02: Dados territoriais no Distrito Industrial do Ligeiro em Campina Grande- PB. Fonte: <http://www.cinep.pb.gov.br>. Acesso em Janeiro de 2011. Organização: Allisson Silva

O “espaço geográfico reproduz-se, hoje, tendo como objetivo o pleno desenvolvimento do capitalismo” (CARLOS, 1992, p.42). O Estado por sua vez, funciona, neste instante como agente articulador no desenvolvimento econômico, pois,

[...] no interior da política econômica desenvolvida pelos grupos empresariais, nacionais ou multinacionais, e pelas associações com o Estado é que são definidas as estratégias de implantação dos ramos industriais e escolhidos os locais para seus estabelecimentos (ROSS, 1998, p.361).

Sobre essas estratégias, salienta-se no Distrito Industrial do Ligeiro, os estabelecimentos e eixos viários, junto com o desenvolvimento de seu espaço predominantemente rural através da indústria, conforme figura abaixo.

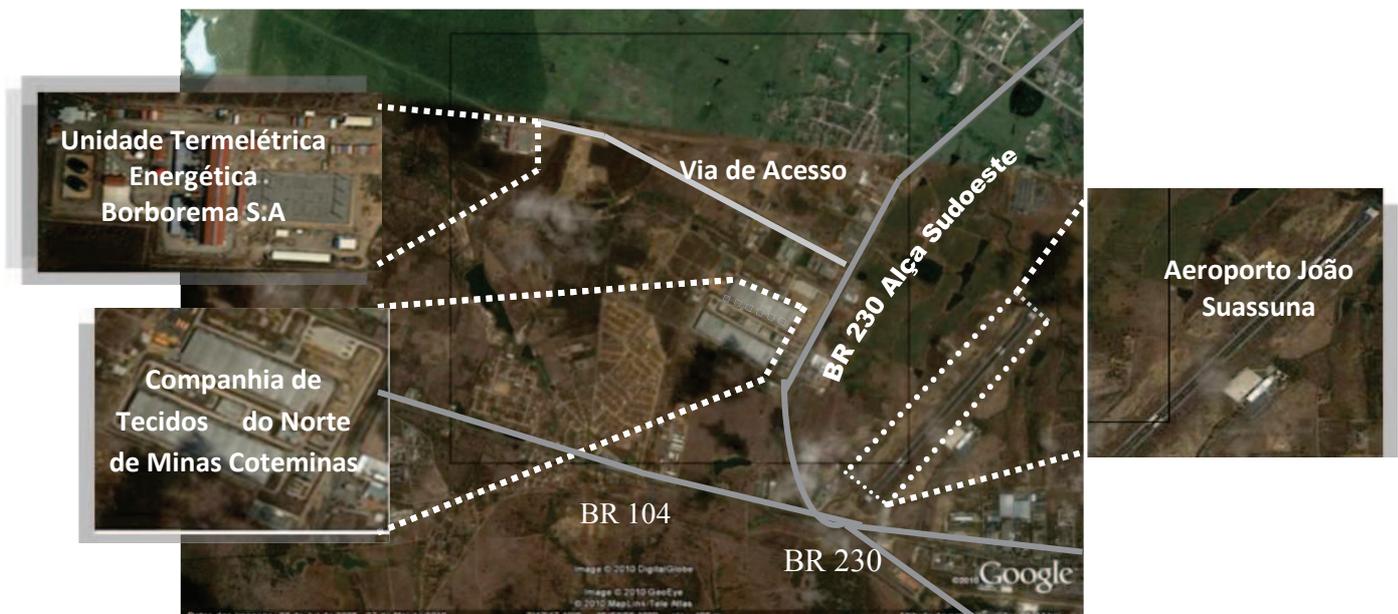


Figura 3: Distrito Industrial do Ligeiro. Fonte: http://www.googleearth.com.br/campina_grande. Acessado em Dezembro de 2010.

Segundo a SUDENE, alguns fatores contribuíram para tornar Campina Grande um dos principais centros industriais da região. Entre estes, deve-se ressaltar: [...] grande rede bancária e moderno sistema de telecomunicações; oferta de energia elétrica, ligação por estradas pavimentadas, com os principais centros demográficos da região e do Sul do Brasil; (CINGRA, 1966, p.04). De acordo com o CINEP, o Distrito Industrial de Campina Grande favoreceu o desenvolvimento de outras atividades industriais no Distrito Industrial do Ligeiro. O Governo Federal, em conjunto com o do Estado e o do Município, promoveu significativos investimentos, dos quais se destacam: ampliação do aeroporto de Campina Grande; implantação de Sistemas de Esgotamento Sanitário; instalação da nova Sede da Companhia de Industrialização da Paraíba; entre outros. Deste modo, é através da implantação de serviços públicos como sistema viário, calçamento, água, esgoto, iluminação, que há uma reconfiguração do espaço físico da cidade, o que interessa tanto às empresas como a população em geral.

A atuação do Estado também se faz presente na elaboração de leis e normas vinculadas ao uso do solo, entre outras, as normas do zoneamento e o código de obras no que se refere ao espaço urbano. No Distrito Industrial do Ligeiro estão presentes no desenvolvimento e reconfiguração daquele espaço: direito à desapropriação e precedência na compra de terras; regulamentação do uso do solo e localização; investimento na produção do espaço através de obras de drenagem, desmontes, aterros e implantação da infra-estrutura e procedimentos de construções.

5. TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO NATURAL EM GEOGRÁFICO: O RECENTE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL EM CAMPINA GRANDE

A atividade industrial assume o papel de comando na reprodução espacial da cidade. Em Campina Grande a industrialização se destaca não tão somente pelas empresas, mas também pelo fator geográfico, graças a facilidade no tráfego com o Litoral e com o Sertão do Estado. As indústrias de beneficiamento, mais precisamente de granitos e mármore (Fuji e Granfuji) situadas na região, alcançam mercados consumidores distantes, alheios ao ambiente nordestino, os quais são importantes para o desenvolvimento local.



Figura 4: FUJI (A) e GRANFUJI (B). Pesquisa de campo realizada em Fevereiro de 2011.

Com projeção voltada para o mercado externo em ascensão, a Coteminas, indústria de bens de consumo, é caracterizada pelo emprego de mão-de-obra qualificada, bem como a Usina Termelétrica Wartisillã.

A ideologia do consumo, do crescimento econômico e do planejamento foram os grandes instrumentos políticos e os grandes provedores das idéias que iriam guiar a reconstrução ou a remodelação dos espaços nacionais, juntamente com a da economia, da sociedade e, portanto, da política (SANTOS, 2005, p.47).

A formação espacial expressa a idéia de que, quanto mais se produz há uma perspectiva de integração urbana, conforme demonstrada na figura 6.



Figura 5: Movesa e JAR premoldados. Pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2011.

Olivier Dollfus (1972, p.29) define que a “ação humana tende a transformar o meio natural em meio geográfico, isto é, em meio moldado pela intervenção do homem no decurso da história”. A inserção de diversas empresas do setor terciário no Distrito Industrial do Ligeiro representa um processo de evolução permanente. Exemplo disso é a Viação Itapemirim (Figura 6), cuja filial está presente na rodovia BR 230, onde a facilidade de acesso é própria à circulação de pessoas e mercadorias.



Alisson Silva

Figura 6: Garagem da Viação Itapemirim. Pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2011.

As lojas de conveniências, bem como as empresas de balanceamento pneumático, estão creditadas a dar assistência principalmente a carretas e aos profissionais que trabalham, transitando com produtos de várias regiões do país. A formação do meio geográfico no Distrito Industrial do Ligeiro resulta na criação de uma nova configuração, uma paisagem modificada. A paisagem antes existente correspondia à zona rural de Campina Grande, através das fazendas Velame e Ligeiro. Agora com a instalação de empresas em torno da rodovia BR 230, as paisagens organizadas formam uma interligação entre si, por meio de ações meditadas, combinadas e contínuas. Assim, a caracterização do território descreve, a urbanização relatada, todas voltadas para a produção e consumo locais ou transitórios.

Campina Grande apresenta características de uma cidade em transformação, de assentamento humano, de espaço, de comércio, de serviços e de indústrias. Seu desenvolvimento urbano nos últimos anos apresenta-se vinculado ao desenvolvimento industrial. Os espaços dedicados à atividade industrial absorvem significativa parcela territorial da cidade, contando com vários estímulos e incentivos fiscais, financeiros fornecidos pelo poder público. O desempenho da formação industrial em Campina Grande levou a compará-la com a capital paulista:

A capital paulista metrópole de âmbito nacional se constitui em verdadeira encruzilhada de caminhos para o interior. Localizada como está no planalto, à poucos quilômetros da escarpa abrupta litorânea, São Paulo voltou-se mais para o interior graças às facilidades oferecidas pela topografia suave do planalto. Campina Grande, a capital do sertão nordestino, apresenta posição de certa maneira análoga. Situada próxima a superfície mais alta da Borborema, a cidade não enfrentou dificuldades

de comunicação nem com o litoral nem com o sertão. (CARDOSO, 1963, p.2)

A figura 7 demonstra claramente as ações humanas na formação do espaço geográfico. A utilidade do raciocínio espacial reforça o conceito dos processos espaciais devido a conexão ação humana, tempo, espaço e mudança.



Figura 7: Ajuste espacial: construção da Via de Acesso a UTE. Em pesquisa de campo realizada em Fevereiro de 2011.

É conveniente ressaltar que todas essas ações resultam da necessidade do mercado global em expandir-se. Em outras palavras, o meio técnico está inserido neste contexto com: inovações técnicas, espaço mecanizado e profundas transformações espaciais. A cidade na dimensão geoeconômica é uma localidade central, um espaço de produção, um espaço comercial e de serviços, que contribui para o crescimento da população, fato observado na expansão urbana da cidade. Visível também na expansão industrial, mais precisamente do Distrito Industrial do Ligeiro, que tende a superar o processo de produção do Distrito Industrial de Campina Grande e até favorecer o processo de conurbação entre as cidades de Queimadas e Campina Grande no decorrer dos anos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa analisada percebe-se claramente a execução dos ajustes espaciais em Campina Grande, mais precisamente no Distrito Industrial do Ligeiro, cujo desenvolvimento foi mais perceptível na instalação da Usina Termelétrica. A participação das três esferas de governo: municipal, estadual, e federal; foram importantes para a criação de condições para a mobilidade do capital no espaço campinense e também para

implantar ajustes e melhor articular o escoamento de bens materiais e o fluxo de pessoas na região. Observa-se então que uma das políticas pró-capital utilizadas pelos municípios e pelas unidades federativas, na qual Campina Grande inclui-se, consiste na doação de terrenos e criação de toda uma infra-estrutura básica, para a implantação de novas indústrias e empresas do setor terciário.

Além disso, seu espaço é transformado em prol de um desenvolvimento industrial que é visto como solução de um problema sério na cidade que é o desemprego. Também é evidente que o crescimento populacional foi um fator preponderante na expansão urbana, por conta do ganho espacial em relação a zona rural, em predominância no Distrito Industrial do Ligeiro. Isto demonstra que o espaço urbano está em constante mutação, onde as relações sociais estabelecidas naquele espaço são um estímulo para o desenvolvimento econômico do país, em especial de Campina Grande.

Neste argumento, a dinâmica do ajuste espacial campinense está diretamente ligada aos movimentos de construção espacial, por meio de próteses ou estabelecimentos dos mais variados modelos, exigindo condições para ajustes espaciais para o desenvolvimento local.

ABSTRACT

SILVA, Allisson Batista da Analysis of the fittings space in Campina Grande-PB: the formation and the development of the Ligeiro Industrial District.

Therefore, this study has the objective of investigating the changes which occurred in Ligeiro industrial district throughout the last years, giving emphasis to setting-space for industries opening at that place. As well as to identify the responsible factors for its transformation, to stand out the transition of the urban way for the rural way, to relate the process of occupation of the area with other constructions in the historical context and to insert the revitalization and urbanization as context of the adjustment-space of Campina Grande. The development of Ligeiro industrial district located in the city of Campina Grande is the result of the change from rural to urban areas. Through Raimundo Asfora Highway - BR 230 (Alça Sudoeste), industries of large structure, such as Coteminas, encourage enterprises of the secondary and tertiary sector in the region. The deployment of the power plant facility in the township and other facilities while setting-space influence the reconfiguration of the environment under study, transforming the space agrarian existent in industrial. By means of bibliographical risings, goods of remote times and field research, it came to the verification that o capitalism, on the other hand, defines its occupation based on market actions, along with the three spheres of government: Federal,

State and Municipal. For building construction in a given area, prostheses are designed, which formalize projects that determine the new activities on the existing landscape. The creation of conditions for the capital mobility in Campina Grande is also good for improvement, establishing its axis way, to better articulate the flowage of goods and people flow in the area. Starting from this study it was the intention of informing the readers the importance of the space fittings in Campina Grande and also the understanding of recent transformations in the urban-industrial space of the Industrial District of the Slight, for formation of its geographical space.

KEY WORDS: Industry, Capitalism, Government, axis way

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Maria Francisca Thereza. Campina Grande e Sua Função Como Capital Regional. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXV. Campina Grande, 1963.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. 5ª. Ed. São Paulo: Contexto, 1992.

CINGRA. Campina Grande, Dados e Informações. **Companhia de Industrialização de Campina Grande (CINGRA)**, 1966.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1993.

DESIGN. Revista Informática. Edição especial nº3. Campina Grande: Edição Design Publicidade e Informativos, dezembro/97 – janeiro 98.

DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Brasil – Anuário Estatístico do Brasil Nordeste – SUDENE/DPG/PSE/grupo de contas regionais

LIMA, Damião de. **O Processo de Industrialização Via Incentivos Fiscais: expansão e crise em Campina Grande**. (Dissertação). Campina Grande: UFPB, 1996.

LIMA, Damião. Tempos de Desenvolvimento e Crise na Economia Campinense. In: GURJÃO, Eliete Queiroz. **Estudando a História da Paraíba: Uma coletânea de textos didáticos**. Campina Grande: EDUEP, 2004.

PEREIRA, William Eufrásio Nunes. **Reestruturação do Setor Industrial e Transformação do Espaço Urbano de Campina Grande-PB a partir dos anos 1990**. (Tese). Natal: UFRN, 2008.

PILETTI, Nelson. **História do Brasil**. Ática: São Paulo, 1996.

PORTO, Jadson L. Rebelo; COUTO, Magdiel E. A.; et al. Do Território Federal a Estado: Condicionantes Para a Execução de Ajustes Espaciais no Amapá. In: Seminário 35 anos de

colonização da Amazônia. Porto Velho, 2007. Disponível em http://www.comova.org.br/artigos/De_Territorio_a_Estado_Ajustes_espaciais_no_Amapa.pdf. Acesso em Fevereiro de 2011.

REIS, Douglas Sathler dos. **O Rural e o urbano no Brasil**. Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú, 2006. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_777.pdf. Acesso em Fevereiro de 2011.

ROSS, Jurandyr L. Sanches. **Geografia do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____, Milton. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992. – (Coleção Espaços).

_____, Milton. **Técnica, espaço tempo**. Globalização e meio técnico- científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, Cilícia Dias dos. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. In: **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Taubaté-SP, 2009. Disponível em <http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/188/149>. Acesso em Março de 2011.

SEPLAN, **Secretaria de Planejamento**. Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB, 2005, sem página.

SIMÕES, André. Descentralização Federativa e “Desenvolvimento” Fragmentado: Uma análise dos incentivos a atração de atividades econômicas nos municípios das regiões Sul e Nordeste. In: Anais do V Encontro de Economistas de Língua Portuguesa. Recife, 2003. Disponível em <http://info.worldbank.org/etools/docs/library/229991/Simoes%20Descentralizacao.pdf>. Acesso em Março de 2011.